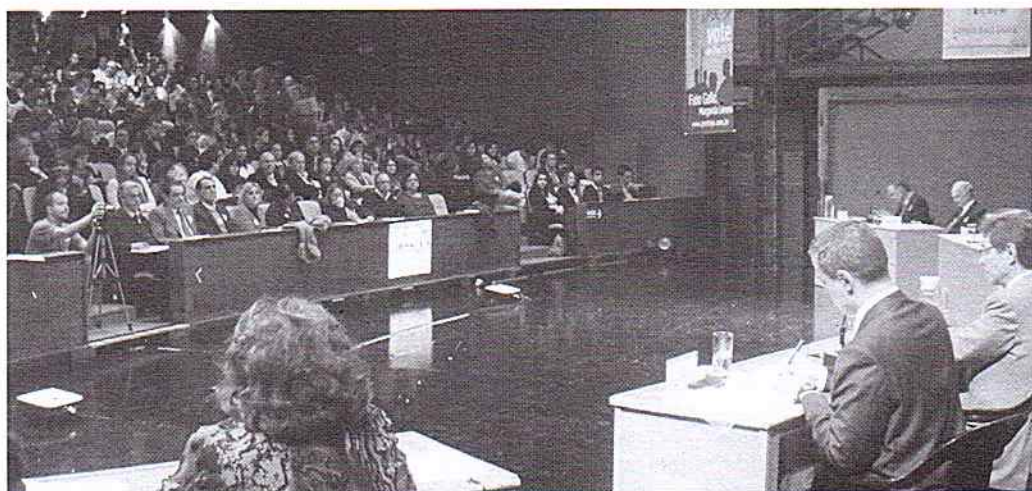


ELEIÇÕES PARA REITOR

CAMPANHA ENTRA NA RETA FINAL

A uma semana da eleição para a Reitoria, os candidatos empenham-se num corpo-a-corpo na disputa dos votos da comunidade puquiã. A semana passada foi marcada por debates em quase todos os câmpus e visitas a setores da universidade. Nesta segunda-feira, 13/10, acontece o último debate previsto pela Comissão Eleitoral, em Sorocaba. Depois disso, o calendário oficial só prevê a votação, nos dias 21 a 24/10.

Nesta edição, relatamos os encontros dos quatro candidatos e suas propostas para a universidade, bem como a discussão instalada por setores da universidade que pregam o voto nulo. Ao lado, publicamos o posicionamento da APROPUC sobre a eleição.



GABRIELA MONCAU

Na noite de 6/10 os candidatos debatem no Tuca com a comunidade do câmpus Monte Alegre

APROPUC autônoma frente às eleições para a Reitoria

A diretoria da APROPUC vem a público reafirmar que mantém a posição histórica da associação, de independência e autonomia frente às

eleições para a Reitoria. A entidade não indica nem subscreve nenhuma das chapas. Consideramos que a opção de votar ou não em uma das chapas, anular o

voto, declarar apoio a qualquer das chapas ou ao voto nulo é de responsabilidade individual de cada um dos diretores da entidade

Continuam preparativos para o Congresso

Prosseguem as reuniões para a definição das discussões do Congresso da PUC-SP, na semana passada, além das reuniões normais dos três setores a APROPUC organizou encontros com os professores das Faculdades de Serviço Social e Educação, onde foram levantados alguns encaminhamentos dos docentes. Em primeiro lugar os docentes enfatizaram a im-

portância do Congresso para unificar as pautas dos três setores. Os professores têm demandas específicas como o fim da maximização que gostariam de ver melhor discutida.

Os docentes lembraram que existe hoje na PUC-SP um contingente de professores novos que precisam participar das discussões, nesse sentido encaminharam para que a APROPUC realize um

mapeamento desses docentes para uma maior aproximação com o movimento.

Foi proposta uma alteração na data do Congresso uma vez que ela coincidiria com o final da semana acadêmica e com o dia de Finados. Por fim sugeriu-se que a APROPUC encaminhe encontros com as faculdades profissionais para a troca de experiências comuns entre os docen-

tes. A professora Beatriz Abramides, presidente da APROPUC, informou que já estão sendo agendadas reuniões preparatórias para um encontro maior entre os docentes das faculdades profissionais.

Os professores da Comfil marcaram um encontro para 21/10, terça-feira, às 12h30.

Veja mais detalhes no Jornal do Congresso.

OPINIÃO

Desafios da próxima Reitoria

Cada professor, estudante e funcionário da PUC-SP tem na ponta da língua uma lista enorme dos problemas que afligem a Universidade. A degradação foi tão ampla e profunda nos últimos anos que um eventual processo de recuperação exige ações afirmativas em várias frentes ao mesmo tempo, desde o apaziguamento das relações internas, o restabelecimento do diálogo com os segmentos, o resgate dos contratos de trabalho civilizados e do respeito aos professores, a recuperação dos cursos esvaziados e do ingresso de novos alunos, o investimento na infra-estrutura e a organização de sustentação financeira com formas criativas e rápidas de captação, como os projetos de extensão e de prestação de serviços.

A próxima Reitoria da PUC-SP, seja quem for o reitor eleito, tem pela frente inúmeros e complexos desafios, alguns bem conhecidos e concretos, como resolver a equação financeira; outros mais sutis e de difícil abordagem, como enfrentar a cultura burocrática que tomou conta das diferentes instâncias acadêmicas e administrativas. O excesso de burocracia é um dos principais fatores da letargia da Universidade no enfrentamento de seus problemas; é também o fator do desgaste cotidiano que atinge professores e estudantes, geralmente pela ineficiência dos serviços e pela lentidão dos processos.

Atualmente a PUC-SP funciona na contramão das instituições de nível superior que avançaram na qualidade do ensino, no aumento de alunos e na ampliação da pesquisa e da extensão - sem cair no mercantilismo das uni-esquinas. Ao contrário do que ocorre nessas universidades que se modernizaram sem se transformarem em supermercados, na PUC-SP os serviços prestados pelas atividades meio, ao invés de facilitarem a vida das pessoas e a fluidez das atividades fim, passaram a criar todos os tipos de dificuldades - quase sempre estabelecidas por ordens superiores de quem não conhece a Universidade, não confia na comunidade e está mais preo-

cupado com o exercício pessoal do poder do que com o bom desempenho da instituição.

Isso tem acontecido cotidianamente em coisas muito básicas, como o professor ser obrigado a buscar e entregar as chaves das salas de aula, já que os serviços de apoio foram eliminados na atividade do ensino; a burocracia chega ao ponto de não aceitar que os monitores das disciplinas laboratoriais abram os laboratórios, o que sempre sobrecarrega desnecessariamente o professor. Da mesma forma, em atividades fundamentais para a Universidade, como a aprovação de projetos de extensão, quase sempre ocorrem resistências nas faculdades, nos órgãos colegiados e principalmente nos chamados órgãos técnicos de assessoria. A PUC-SP leva meses - e até anos - para concluir processos que em muitas universidades são resolvidos em poucas semanas.

Professores, estudantes e funcionários sabem de cor e salteado tudo aquilo que atravança o dia a dia daqueles que se empenham pela PUC-SP, que torcem por uma Universidade dinâmica, atual, viva, comprometida com o conhecimento e com a transformação da sociedade brasileira. O resgate da PUC-SP exige que os professores, os funcionários e os estudantes sejam ouvidos, que se saiba deles o que deve ser mudado imediatamente após a posse da nova Reitoria.

É preciso, antes de qualquer coisa, que a nova Reitoria esteja imbuída da vontade de mudar, esteja convencida de que as mudanças começam com a montagem de uma nova equipe em todos os cargos de livre nomeação e que essa equipe precisa receber orientações claras e expressas de acabar com as delongas burocráticas, racionalizar os procedimentos, agilizar os processos e dar todo o apoio - mas todo o apoio mesmo - para as atividades desenvolvidas por professores e estudantes. Se isso acontecer, a PUC-SP começará a viver uma nova história.

Hamilton Octavio de Souza
Diretor da Apropuc

MOVIMENTOS SOCIAIS

Solidariedade aos povos da Bolívia e do Haiti

No dia 10/10, sexta-feira, ocorreu um ato pela retirada imediata das tropas brasileiras do Haiti. A população foi às ruas de São Paulo para pedir que o governo não renove o acordo que mantém Exército brasileiro no país. O ato teve início em frente ao escritório do governo federal, no cruzamento entre a Paulista e a Augusta.

O Brasil comanda a missão da ONU no Haiti desde 2004. Logo após a decisão, os protestos se iniciaram. Para os manifestantes, a presença do Brasil no Haiti demonstra uma política

imperialista do governo Lula em relação aos países vizinhos. O ato foi organizado por diversas entidades, entre elas o MST e o Movimento Negro Unificado.

No sábado, 11/10, ocorreu nova manifestação em apoio ao povo boliviano e repudiando a tentativa de golpe de estado, bancada pelo governo Norte-Americano. Desta vez, a concentração foi na praça Kantuta, no bairro do Pari. Nesse ato também foi discutida a situação de exploração que os trabalhadores bolivianos enfrentam no Brasil.

Trabalhadores organizam Semana Anti-imperialista

Entre os dias 12 e 18/10 acontece a Semana Anti-imperialista. A intenção do evento é denunciar os males causados pela política de dominação imperialista nos países periféricos. As bandeiras da jornada reafirmam esse caráter: aumento geral de salários; redução da jornada de trabalho, sem banco de horas; contra a criminalização dos movimentos sociais, pela estatização da Petrobrás, pela retirada das tropas brasileiras no Haiti e pelo apoio às lutas do povo boliviano.

Além disso, serão abordados temas como a crise financeira dos EUA e a greve docente da Uerj. Em São Paulo, está programado ato unificado para o dia 16/10. A semana "Anti-imperialista" é organizada pela Conlutas, em parceria com diversas entidades.

Luta operária é lembrada no bairro de Perus

Uma atividade programada para 25/10, sábado, pretende lembrar a história do movimento operário no Brasil. O movimento será representado através da luta dos Queixadas, movimento operário do bairro de Perus, com participação de membros da comunidade. Além disso, o evento contará com exposição de fotos, apresentações culturais do bairro de Perus e exibição do filme "Os Queixadas".

A atividade acontecerá às 20h, na Paróquia São José, em Perus. Entre os organizadores estão o Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Cimento, Cal e Gesso de São Paulo, Associação dos Aposentados e Pensionistas de Perus, Comissão Pró-Centro de Cultura do Trabalhador e a Pastoral Operária.

PUCViva Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP.

Apropuc: Rua Bartira 407 - CEP: 05009-000 - Fone: 3872-2685.

Afapuc: Rua Cardoso de Almeida 990 - Sala CA 02 - Fone: 3670-8208.

PUCViva: 3670-8004 - Correio Eletrônico: pucviva.jornal@uol.com.br - **PUCViva na Internet:** www.apropucsp.org.br

As matérias assinadas não expressam necessariamente as posições das entidades e da redação.

Editor: Valdir Mengardo

Sub-editor: Leandro Divera

Reportagem: Victor Sousa e Otávio Nagoya

Fotografia: Marcela Rocha e Bruna Campos

Projeto Gráfico, Edição de Arte e Editoração: Valdir Mengardo e Ana Lúcia Guimarães

PUC EM MOVIMENTO

Debates esquentam campanha para reitor

Uma maratona de debates marcou a semana passada na PUC-SP. Sem dúvida, os que mais reuniram público foram os realizados no câmpus Monte Alegre, que lotaram por duas vezes o auditório do Tuca.

Além da discussão programática de cada candidato, o debate escorregou por vezes para a discussão pessoal. As farpas sobram para os quatro professores. Nesse capítulo, sem dúvida, o debate mais acalorado repetiu-se nos dois encontros, quando o professor Flavio Saraiva mencionou o fato de um dos candidatos ter ocupado cargo de confiança no período do regime militar. O professor Dirceu de Mello retrucou, dizendo ser o único ali presente a constar dos arquivos do Serviço Nacional de Informação (SNI). Na manhã da quarta-feira, apresentou relatos de Helio Bicudo e Luiza Erundina, atestando sua combatividade.

Os candidatos Fábio Gallo e Neusa Bastos centraram-se na resolução de problemas acadêmicos. A



Acima a platéia que lotou o Tuca durante o debate; no destaque uma das candidatas, Neusa Bastos, detalha seu programa

platéia participou do debate aplaudindo ou vaiando os professores, o que provocou uma reclamação por parte de dois candidatos. O formato dos debates, porém, limitou a participação efetiva da platéia a quatro perguntas, com temática comum aos quatro candidatos.

Outra questão que gerou polêmica foi a posição dos candidatos frente à invasão policial da PUC-SP, em novembro de 2007. Por várias vezes o mediador,

Judi Cavalcanti, pediu silêncio à platéia, que acusava alguns candidatos pela atuação durante a crise.

NOMEAÇÃO PELO CARDEAL

Um tema que polemizou os debates foi a possível nomeação, pelo cardeal Dom Odilo Scherer, de um reitor que não tenha sido o mais votado. Neusa Bastos, Fábio Gallo e Dirceu de Mello recusaram tal tipo

de nomeação, enquanto o professor Flavio Saraiva invocou um possível desrespeito aos estatutos e à vontade de Dom Odilo, caso não aceitasse a indicação.

No câmpus Marquês de Paranaguá, em um debate que privilegiou a discussão sobre tecnologia, um estudante entregou documento para que os quatro candidatos assinassem, comprometendo-se a não assumir caso não alcancem o posto de mais votado.

Candidatos encontram-se com professores e funcionários

Além das visitas a diversos setores das universidade, os candidatos Dirceu de Mello e Fábio Gallo reuniram-se com a diretoria da APROPUC, concluindo a série de encontros que iniciou-se na semana anterior com a presença de Flávio Saraiva e Neusa Bastos.

Já os funcionários realizaram quatro encontros abertos, na sala 239, cada um deles com um candidato questionando principalmente os problemas administrativos da PUC-SP.



Acima o professor Flavio Saraiva expõe seu projeto de Reitoria para os funcionários; nas fotos ao lado o professor Dirceu de Mello (acima) e os professores Fábio Gallo e Margarida Limeira (à esquerda) conversam com a diretoria da APROPUC.

Candidatos opinam sobre nomeação do cardeal e dívida com os professores

Na penúltima série de perguntas para os candidatos a reitor, o PUCviva fez os seguintes questionamentos:

- 1) Qual a sua proposta concreta para saldar a dívida salarial dos professores;
- 2) Caso o Sr. (a) não seja o mais votado pela comunidade mas integre a lista triplíce, aceitaria a nomeação do cardeal para dirigir a PUC-SP?

Veja como se saíram os candidatos.

DIRCEU DE MELLO

"Se não aparecer como o candidato mais votado, não aceitarei ser nomeado"

1 A proposta concreta para saldar a dívida salarial dos professores - e acrescento, também dos funcionários - passa, como não poderia deixar de ser, pela caminhada na busca da recuperação financeira da PUC (débito que ultrapassa, hoje, a casa dos 300 milhões de reais). Progressiva mas prioritariamente, assim, seria o assunto tratado de forma direta com os representantes de uma e outra categorias. Porque acredito no diálogo é que entendo que, à volta de uma mesa de negociações, so-

pesados os legítimos direitos daqueles que têm salários a receber e as possibilidades econômicas da universidade, poderíamos, se não resolver de plano problema que, repito, é prioritário (caráter alimentar da remuneração devida a quem trabalha), caminhar séria e progressivamente no sentido de sua solução. Estou seguro de que professores, funcionários e Reitoria, irmanados no ideal de preservar a grandeza da PUC, saberão, aqui e ali, debater com sinceridade e satisfatoriamente questão que a todos interessa resolver.

2 Já tenho dito e repetido - perdi a conta das vezes - que, se não aparecer como o candidato mais votado na eleição para a escolha do reitor da universidade, não aceitarei ser nomeado pelo Senhor Cardeal para o cargo. E o que me inspira nessa decisão é, simplesmente, a ética, assim desenhada: se ficar em segundo ou terceiro lugar, não me sentirei representando a vontade maior da comunidade. Ou seja, não seria um reitor democraticamente escolhido e investido. Por isso, aliás, é que, no último debate realizado pela manhã no câmpus Monte

Alegre (oito de outubro), conclamei os demais candidatos a reitor a, publicamente, acompanharem-me nesse compromisso. Menos em função de meu convite, mas à vista de provocação da platéia (pergunta de um dos presentes ao debate), ainda que timidamente, disseram meus concorrentes aderir à sugestão. Só que depois, em debate no câmpus da Marquês de Paranaguá (noite de oito de outubro), alunos prepararam, a respeito, termo de compromisso escrito, que eu assinei. Ignoro se os demais candidatos também o fizeram.

FÁBIO GALLO

"Caso não alcancemos o primeiro lugar, não assumiremos"

1 Esta questão está ligada a nossa resposta anterior, veiculada neste mesmo jornal, sobre as dívidas da Universidade. Parte dessas dívidas é de cunho bancário, outra parte tributária, uma terceira relativa ao Fundo de Garantia por Tempo de Serviço, outra trabalhista, e, outra parcela é a dívida relativa ao reajuste salarial não concedido. Já indicamos na resposta anterior que a parte do reajuste salarial dos professores deve passar necessariamente pela busca do consenso e há diversos caminhos para isso, dos quais destacamos:

a) O parcelamento que depende do interesse dos professores e da disponibilidade de caixa da Universidade.

b) A criação de fundo dedicado à geração de poupança para a futura quitação integral da dívida.

c) Pode-se pensar, inclusive, numa operação financeira que adiantasse os valores relativos aos professores e a PUC-SP ficaria com esse débito junto a uma instituição financeira.

Destacamos, portanto, que esta questão nos preocupa muito. Temos que resgatar o passivo social criado por todas essas dívidas e situações impostas pela atual gestão, por meio de diálogo aberto com os

professores e de ações efetivas e viáveis.

2 Conforme já declaramos publicamente em debate, devemos respeito aos Órgãos Superiores da PUC-SP, assim só nos resta aceitar as regras aprovadas pelo Conselho Universitário, consubstanciadas no Estatuto da Universidade. Cremos que nosso Grão Chanceler, Dom Odilo Scherer, irá respeitar a escolha da comunidade, pautada pelos princípios democráticos que historicamente nortearam nossos processos eleitorais. Segundo esta prática e, a partir de uma postura ética e com-

prometida com a Universidade, somos contrários a assumir, caso não alcancemos o primeiro lugar na lista triplíce. Caso isto venha a ocorrer em relação a qualquer candidato, isto é, que o Grão Chanceler exerça seu direito de escolha de outro modo, entendemos que a própria comunidade deverá estabelecer um processo de discussão amplo, aprofundado e, sobretudo, responsável, desta questão. Isto deve ser tomado como responsabilidade de todos, no sentido de evitar confrontos ou quaisquer desdobramentos que possam levar a uma crise institucional.

FLÁVIO SARAIVA

"É desrespeitoso posicionar-se contra as regras estatutárias que regem a vida universitária"

1 Nossa proposta concreta para pagamento das diferenças salariais dos docentes é semelhante àquela que fizemos e realizamos para o corpo administrativo, isto é, realizar o pagamento em parcelas. Devemos separar as diferenças em dois grupos, 2004 e 2005, e iniciar ainda em 2008 o pagamento desses valores atrasados, iniciando o pagamento pelas diferenças salariais de 2004. Já foi apresentada uma forma de parcelamento por parte da Fundação São Paulo, que poderá ser antecipada na medida em que a

situação financeira melhora. Acreditamos que a implantação de nossos projetos, com planejamento estratégico e tático, poderão contribuir diretamente para isso, pois apontamos em nosso programa ações concretas para a melhora da situação financeira, tais como, nova rodada de negociação com o BNDEs, reestruturação da área de captação de recursos e projetos e, por fim, ações parceiras com a Fundação São Paulo.

2 Todos os candidatos conhecem as regras que presidem as eleições para

reitor da PUC-SP, estabelecidas pelo Estatuto da universidade: eleição direta pela comunidade universitária e nomeação a partir de lista triplíce enviada ao Grão Chanceler. Posicionar-se contra as regras estatutárias é desrespeitoso com as normas que regem a vida universitária e a Grão Chancelaria. Estas regras, que foram aprovadas pela maioria dos representantes da comunidade no Consun, com a presença de representantes das quatro candidaturas, não prevê escolha pela maioria absoluta, como num segundo turno, mas se baseia em graus de participação no universo de votantes, ou seja, re-

flete um aspecto qualitativo, e não apenas quantitativo. Como candidato, tenho a meta de obter a maioria absoluta de votos. Entendo que maioria relativa nos votos não confere o mesmo grau de maioria absoluta, daí a lógica perfeitamente clara da regra na indicação pela comunidade dos três mais qualificados.

Se eu tiver o maior número de votos e não for nomeado, aceitarei a indicação de outro concorrente para o cargo, que contemplou no seu plano de trabalho aspectos que estão de acordo com os anseios da Fundação São Paulo, que não os nossos.

NEUSA BASTOS

"Junto com a APROPUC, vamos estabelecer um plano de pagamento negociado da dívida"

1 Três aspectos importantes compõem essa questão: um deles, o mais importante: respeito às conquistas e direitos dos trabalhadores. Um segundo, também importante, diz respeito à garantia da saúde financeira da universidade. O terceiro, que é um princípio de nossa gestão, diz respeito ao método com o qual pretendemos gerir a PUC-SP, suas dificuldades e problemas. Guiados por esses três aspectos, podemos afirmar que, para enfrentar a dívida salarial com os professores, vamos estabelecer, juntamente com a FUNDASP, um plano de pagamento

negociado com a APROPUC. Sabemos que a dívida é significativa e que não haverá condições de ser paga de uma só vez e de imediato. Entretanto, é necessário providenciar o início do pagamento. Entendemos que o reconhecimento da dívida e da necessidade de saldá-la, ainda que em parcelas e por um prazo mais longo, é fundamental para evidenciar uma concepção de gestão que inclui o respeito aos trabalhadores da casa e aos seus direitos. Contribuí também para marcar a forma de lidar com as reivindicações da associação dos professores: optar sempre pela via da negociação e de soluções acordadas por ambas as partes.

2 Em primeiro lugar, acreditamos que haverá respeito, por parte de Sua Iminência, o Cardeal, à vontade da comunidade, expressa nas urnas. No entanto, cabem aqui algumas considerações sobre a relação que desejamos com a Igreja e com a Fundasp. Nossa proposta é de estabelecer com a Fundação São Paulo e com o Grão-Chanceler uma relação de respeito mútuo; uma relação que deve ser construída e desenvolvida a cada dia de gestão. Essa relação, da parte da universidade, requer a afirmação da autonomia da PUC na condução de seus projetos. É preciso que a gestão da PUC

dialogue permanentemente com a Fundasp, defendendo os princípios da comunidade puquiãna. A autonomia é um deles, mas merece que todos nos esforcemos para dar corpo e sentido a ela. Isto se faz aplicando-a a cada uma das situações vividas pela universidade. Assim, a hipótese de uma nomeação que desconsidere a vontade da universidade, embora seja possível legalmente, nos parece descartada, pois não seria legítima e acreditamos que o Grão Chanceler será sensível a isso. Entretanto, se porventura ocorrer, nossa chapa recusará a nomeação. Não aceitaremos.

Participe da Revista PUCViva

A diretoria da Apropuc convida os professores a escreverem artigos para a Revista PUCViva, que é uma publicação acadêmica conceituada e com circulação nos meios universitários, movimentos sociais e entidades de classe dos professores.

Está em processo de fechamento a seguinte edição:

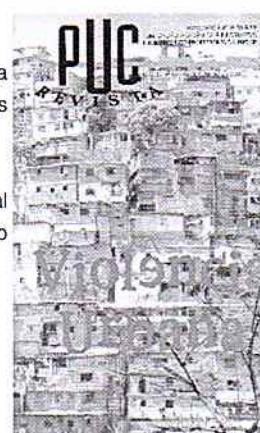
Edição 33 – OUTUBRO/DEZEMBRO 2008 – Tema: "60 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos – As violações de 2008 no Brasil e no Mundo – O Estado no banco dos réus".

Entrega das matérias: Até 30 de outubro.

Os textos devem ter até o máximo de 15 mil caracteres.

Enviar as matérias para a Apropuc, aos cuidados da Regina.

Participe. Seja um articulista da Revista PUCViva.



FALA COMUNIDADE

Por que votar em Florestan?

É ano de eleição na PUC-SP. Quatro candidatos estão inscritos. Fica evidente, nos programas das candidaturas (uns mais brandos conservadores, outros mais conservadores declarados), nas conversas pessoais e nos debates públicos, que nenhum(a) deles(as) apresenta sequer uma proposta para os principais problemas da PUC-SP hoje: frear o processo de mercantilização do ensino e aprofundar a democracia interna.

O processo eleitoral está marcado pela falta de reflexões críticas sobre o atual momento e pela manutenção da concepção de universidade hoje em curso. Diante da falta de opção e do entendimento que a comunidade deve contribuir ativamente, lançamos a candidatura de Florestan Fernandes para reitor.

Não negamos o processo eleitoral para sucessão de reitor; apenas entendemos que nenhum(a) dos(as) candidatos(as) conseguirão atender as demandas da comunidade, sem chamá-la à participação direta (para além do voto, óbvio). Mais do que decidir em quem votar, a PUC-SP necessita urgentemente mudar o seu rumo.

A única solução encontrada foi vasculhar o passado da Pontifícia e relembrar nomes que dedicaram vida e obra a um projeto de universidade que consideramos ideal e plausível. A chapa alternativa/simbólica, com Florestan Fernandes, Mauricio Tragtenberg, Paulo Freire, Otávio Ianni e Perseu Abramo, questiona o papel da PUC-SP dentro da sociedade brasileira.

Não é uma candidatura saudosista (até porque a PUC-SP em que eles lecionaram nunca foi a universidade nos moldes que defendiam). É a afirmação de que o pensamento deles está mais vivo e atual.

É de comum acordo, pelo menos na retórica dos(as) candidatos(as), a perda de diálogo nos últimos quatro anos. Ironicamente, foi justamente essa mesma plataforma do "diálogo" a utilizada por Maura Vêras para se eleger. Afinal, nenhum candidato

e fazer uma auditoria de todas as contas.

Estariam livres para defender a reabertura das bolsas de estudo filantrópicas, a redução da mensalidade, o fim das taxas das secretarias e biblioteca, a redução do preço do bandeirão e a não-expulsão dos inadimplentes das salas de aula.

Teriam a brilhante oportunidade de defender o incentivo à pesquisa, aos projetos de extensão (como o Escritório Modelo), o ensino presencial, o respeito à grade curricular dos in-

tudentes (administrativo, civil e criminal). Propagandeiavam a autonomia universitária, mas não avançam um milímetro contra a ingerência dos bancos e empresas na universidade.

Pra variar, o recorde de citações durante a campanha é a tal "democracia universitária". Nenhum(a) propõe a paridade nos conselhos, a eleição direta para todos os cargos representativos, a criação de um canal direto e constante com as entidades dos três setores e, mais grave, não soltam sequer uma palavrinha contra o Consad (Conselho Superior de Administração). Este novo conselho, com maioria de votos para dois padres da Fundação São Paulo, faz desta eleição uma simulação de democracia. E deveria ser do interesse destes candidatos que vendem "a PUC somos muitos", "gestão para todos", "uma nova PUC" e "PUC hoje", chamar os(as) componentes desta "PUC real" a rejeitar qualquer intervenção da mantenedora.

A candidatura de Florestan sugere essas escolhas, pois tem um programa oriundo da comunidade. Aqueles(as) que não abrem mão de que a PUC-SP deve caminhar no sentido do ensino público, de qualidade, gratuito, laico, presencial, socialmente referenciado, compromissado com a transformação desta sociedade, têm o dever histórico com essa campanha. "Contra a idéia da força, a força das idéias".

<http://florestanparareitor.wordpress.com>.

Grupo Barricadas abrem caminhos e C.A Benevides Paixão



Diante da falta de opção e do entendimento que a comunidade deve contribuir ativamente, lançamos a candidatura de Florestan Fernandes para reitor.



poderia afirmar "vamos fazer uma gestão autoritária, sem a comunidade".

No entanto, poderiam, nesta campanha, brigar por melhores condições de trabalho, fim da "maximização", reversão das terceirizações, igualdade de salários entre graduação e pós-graduação, pagamento dos salários atrasados, ampliação de bolsas para dependentes financeiros dos professores e funcionários, liberdade e autonomia de organização dos trabalhadores.

Lamentam a crise financeira (Flávio e a Neusa, componentes da atual gestão, comemoram pois não admitem crise alguma), mas não têm disposição de abrir o livro-caixa

gressantes no meio de ano, a melhoria dos laboratórios e salas especiais.

Conseguiriam tranquilamente defender a democratização dos meios de comunicação internos (como Rede PUC, TV PUC, ACI), a desburocratização para uso de auditórios pela comunidade, a não-construção de catracas, o incentivo às atividades culturais, a mudança da segurança privada, o fim da ouvidoria investigativa e a desautorização do PAC (Projeto de Atendimento Comunitário) como delator de militantes.

Vomitam que a saída é o diálogo, mas não fizeram nada e continuam sem fazer nada pelo fim dos processos judiciais contra es-

O Congresso de Ibiúna

O fio vermelho nos move

Bia Abramides

12/10/08: 40 anos do XXX Congresso da UNE! Fio vermelho lá e cá! 19 anos, aluna da Escola de Serviço Social da PUC-SP na Rua Sabará. Entrei para o movimento estudantil, aprendi e me convenci do marxismo, do socialismo, do protagonismo do proletariado na luta de classes, do internacionalismo de classe, da atualidade da revolução. Lutávamos contra a exploração do homem pelo homem, contra todo tipo de opressão, contra a ditadura militar, o imperialismo, o capitalismo e na luta pelo socialismo. Apoiamos as greves operárias de Contagem e Osasco em uma aliança operário-estudantil. Entrei para AP- Ação Popular-marxista-leninista, tendência mesclada politicamente com sua origem, a JEC, ala progressista da Igreja. As teses no movimento estudantil eram: universidade crítica, popular, democrática na luta pelo ensino público, laico, gratuito. Lutávamos contra os acordos MEC-USAID, a lei Suplicy de Lacerda, o decreto 477 que emanavam do imperialismo norte-americano e da ditadura militar e tinham na mercantilização e elitização a destruição do ensino público. Lutávamos contra a reforma universitária da ditadura assim como lutamos hoje contra as reformas universitárias da democracia burguesa. A UNE "somos nós nossa força e nossa voz" posta na ilegalidade, a nossa legítima organização estudantil. Radicalmente oposta, a UNE dos anos 90, que abdica das lutas históricas subordina-se à institucionalidade, no governo neoliberal de FHC, e no governo Lula torna-se estadista, governista e perde seu caráter de entidade autônoma.

Outubro de 1968: Fomos para o XXX Congresso da UNE, em um sítio próximo a Ibiúna. Após várias horas de maratona, escalas, paradas, olhos vendados,

pontos desmarcados, chegamos exaustos. Tomamos um "sopão" para poder dormir encolhid@s naquele frio danado em barracas e galpões. No dia seguinte após a "filona do café", mal iniciara a mesa de abertura fomos surpreendid@s pela repressão. Nós mulheres, ao passarmos por vitória, fomos chamadas de subversivas e de putas pelos policiais por termos pílulas anticoncepcionais conosco. Lutávamos também pelo direito à sexualidade, à legalização do aborto, e à decisão sobre os nossos corpos.

Lutas lá em 68 e da maior atualidade cá em 2008. Fomos para Ibiúna como se fôssemos para a revolução. Um montão de erros: Há muito tempo sabíamos que o nosso esquema de segurança era frágil, mas na época nem duvidávamos: japonas, bonés, bolsas a tiracolos, ponchos, tênis gastos, uma revista na mão, óculos escuros, calças jeans desbotadas. De longe se reconhecia um (a) militante estudantil de esquerda que sonhava e exercitava a luta pelo socialismo. O que estavam fazendo tantos estudantes em um sítio? Éramos presa fácil! Os camburões ficavam a 14 km do sítio. Em filas: rapazes de um lado, garotas de outro escoltados pelos policiais andando assobiávamos "caminhando e cantando e seguindo a canção", música emblemática para nós da esquerda. Hino em nossas passeatas seguido do corre-corre da polícia, dos cavalos, das bombas de efeito moral, de gás lacrimogêneo que usados lá na ditadura também o são na democracia burguesa contra os sem terras, sem-tetos, estudantes, população de rua, mulheres, negr@s e contra todos os movimentos sociais de luta. Polícia essa que diariamente persegue e mata a população pobre, jovem, negra na violência do Estado que criminaliza cada vez mais os movimentos sociais.

Pres@s em 68 fomos

levad@s para o presídio Tiradentes. Éramos cerca de quarenta jovens mulheres em cada cela, no total de cinco celas femininas, em torno de 200 mulheres e de 800 rapazes. O frio era intenso, dormíamos em "valete" para nos aquecer e nos sentirmos mais próximas umas das outras: a luta era uma só! O banheiro também era um só, ali mesmo, banho gelado! Estávamos incomunicáveis e não sabíamos nada de que se passava lá fora. Os carcereiros nos traziam comida fria em lata de cera. Era intragável. À noite ouvíamos berros que depois soubemos que era para criar um clima de terror (as torturas não se deram naquele momento afinal eram quase mil estudantes). Depois do AI -5 de 13/12/68, o terror se intensifica, ali era apenas o começo. O dia em que nos levaram para o DOPS foi um dia de terror. Sozinh@s em uma pequena sala, horas a fio, aguardando para um depoimento. Ouvíamos berros e ficávamos apavorad@s envolt@s em nossos 19 anos. O nosso discurso como estudantes, era um só: tínhamos que resistir e não abrir nada sobre as organizações políticas clandestinas. Estávamos na ditadura. A grande maioria de nós presa em Ibiúna foi solta e enquadrada na Lei de Segurança Nacional que durante anos significou restrições em nossas vidas. Os representantes estudantis de direções nacionais e estaduais só saíram da prisão e do país na troca do embaixador seqüestrado.

Na PUC-SP lutávamos contra a reforma universitária e pela autonomia e democracia universitária como lutamos hoje contra o Redesenho e a Intervenção da Fundação selada no Novo Estatuto em 2008. A realização do Congresso autônomo dos três setores em 2008, de alun@s, professores (as) e funcionári@s na PUC-SP é fundamental para a luta de resistência e organização de um plano de lutas unificado. Lutamos

na PUC-SP em 1977 contra a Invasão de Erasmo Dias e sua tropa de choques como lutamos em 2007 contra a invasão da Tropa de Choque com a autorização da Reitoria e da Fundação.

O legado de 68 e a continuidade na luta pela democratização do país têm em 77 a retomada do movimento sindical classista com as grandes greves operárias, a Fundação da CUT autônoma e independente em 1983. Um período de grandes mobilizações e organizações sindicais, de um novo e vigoroso ascenso da luta de classes. A APROPUC que foi fundada há 32 anos em 25/09/76 é parte desta trajetória assim como o ANDES (Sindicato Nacional), antiga ANDES (Associação Nacional). A CUT a partir dos anos 90 abdica das lutas de massa, da ação direta subordinada à institucionalidade no governo neoliberal de FHC, em sua posição majoritária social-democrata. A partir do governo Lula a CUT torna-se governista rompendo com a autonomia e independência de classe, em um sindicalismo cooptado.

1968 nos traz lições por nossos erros, mas também a convicção teórica, política e ideológica de um fio vermelho que nos moveu e nos move na luta pela igualdade e liberdade, pelo fim da sociedade de classes, da exploração do trabalho humano, do trabalho alienado, da opressão de qualquer ordem, da propriedade privada dos meios de produção; na luta pela auto-organização dos indivíduos sociais livres, a luta pelo socialismo a que Marx denominou comunismo, na possibilidade histórica de luta contra a barbárie na direção da emancipação humana.

Lá e cá o fio vermelho nos move...

Bia Abramides é professora da Faculdade de Serviço Social e diretora da APROPUCSP

ROLA NA RAMPA

Lutas Sociais lança número 19/20

O NEILS (Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais da PUC-SP) está lançando a revista Lutas Sociais 19/20.



tina contemporânea", de Lúcio Flávio de Almeida e "As lutas sociais e políticas na Venezuela Bolivariana", de Marcelo Buzetto. Além de análises sobre as mobi-

As análises traçam as lutas ocorridas em todo o globo, como os artigos "Estudantes e trabalhadores no Maio de 68", de João Bernardo, e "Rosa Luxemburg e os Conselhos de Operários e Soldados na Alemanha Revolucionária" de Tatiana de Macedo Soares Roto. Passando pela América do Sul com os artigos "Vieram para ficar por muito tempo: questões nacionais na América La-

lizações no Brasil pós-ditadura como o artigo "Peculiaridades da história política do Brasil contemporâneo: notas para um balanço do ciclo de supremacia do PT e da CUT" de Valério Arcary. A revista ainda trata de assuntos como a resistência Zapatista e a luta dos povos de Oaxaca. Para adquirir um exemplar da revista Lutas Sociais entrar em contato pelo e-mail: luc.flavio@terra.com.br.

Estudantes denunciam perseguições ao Geosamba

Na terça-feira 7/10, no Tuca, um evento celebrou os 100 anos do cantor e compositor Cartola, com a presença da bateria da Escola de Samba Unidos do Peruche. Alguns estudantes presentes ao evento protestaram quando representantes do Programa de Atendimento Comunitário, PAC, lembraram em seu discurso que a Reitoria tem por meta a valorização da cultura popular e do samba. Os estudantes pediram

a palavra para um dos organizadores do evento, o professor Ricardo Zannota, da FEA e colocaram as perseguições que hoje acontecem ao Geosamba, que toda quinta-feira tem que enfrentar os seguranças para entrar com seus instrumentos no câmpus e até para utilizar-se dos sanitários. O professor Ricardo Zannota comprometeu-se a mediar o conflito entre os integrantes do Geosamba e do PAC.

Atividades pensam uso da Língua

No dia 18/10, a partir das 9h, será promovida no auditório 333 a 5ª Jornada de Reflexões sobre Tradução, Linguagem e Cultura, com o tema *O que podem, o que querem es-*

sas línguas. Haverá conferências, debates, apresentação musical e mesa-redonda. As inscrições são gratuitas e podem ser feitas na abertura. Será emitido certificado.

16ª Semana da Biologia em Sorocaba

O Centro Acadêmico Mapiunguari, do curso de Ciências Biológicas da PUC-SP, promove a 16ª Semana da Biologia, entre os dias 20 e

24/10, no câmpus Sorocaba, com o tema Diversidade e Meio Ambiente. A programação pode ser encontrada no site da PUC-SP.

Abertas inscrições para bolsas Fies

Até o dia 19/10 estarão abertas as inscrições para bolsas de estudo do programa de Financiamento Estudantil (Fies), do Governo Federal. A bolsa será concedida apenas para estudantes de cursos que obtiveram conceito igual ou maior que 3,0 no último Enade. Com isso, estudantes do curso de Serviço Social não podem participar do edital. Para se inscrever, basta acessar a página www.mec.gov.br.

Participe da Semana de Arte Modesta

A organização da Semana de Arte Modesta continua recebendo inscrições de trabalhos em vídeo, texto, teatro, performance, dança, música ou qualquer outra manifestação artística até o dia 16/10, quinta-feira. Para participar, basta procurar as fichas e urnas de inscrição nos CAS Benevides Paixão, Cass, Cafil, Calc, Cacs e Psicologia ou enviar um email para samodesta@gmail.com. As atividades começarão na primeira semana de novembro.

Semana pela Democratização da Comunicação

Entre os dias 11 e 19 de outubro ocorre a Semana pela Democratização da Comunicação 2008, organizada pela Assembléia Popular, Campanha pela Ética na TV, Coordenação dos Movimentos Sociais, Rede Paulista pela Democratização da Comunicação e Cultura, da qual o Departamento de Jornalismo e o

CA Benevides Paixão da PUC-SP fazem parte. Em torno do tema central, serão realizados debates sobre a qualidade da programação, criminalização dos movimentos sociais, concessões públicas e direitos humanos. Consulte programação e local das atividades pelo correio eletrônico redepaulista@gmail.com.

Escritório Modelo debate propriedade

Nesta terça-feira, 14/10, às 9h, no Escritório Modelo da PUC-SP (Rua João Ramalho, 295) acontece a oficina *Pensando o Direito*, que vai debater uma pesquisa sobre os aspectos jurídicos das propriedades rurais e urbanas. O trabalho foi realizado por professores e estudantes da faculdade de Direito da PUC-SP, e pelas instituições Terra de Direitos, Cohre e Instituto Polís. Os desdobramentos dos debates serão levados à Secretaria de Assuntos Legislativos do Ministério da Justiça, para lá serem discutidos

Curso de Teatro melhora comunicação

Estão abertas as inscrições para o curso Teatro para Facilitar a Comunicação, voltado para profissionais de diferentes áreas. O objetivo é aprimorar aspectos como preparação vocal, consciência corporal e eficácia argumentativa. As aulas começam no dia 16/10 e ocorrem ao longo de dois meses, sempre às quintas-feiras, das 19h30 às 22h30. A carga horária total é de 24 horas. O custo é de R\$ 600, em duas parcelas. Membros da comunidade puquiense têm 10% de desconto. Informações 3670-8462.

nº 05 - 13/10/08

Jornal do Congresso

Jornal semanal dos 3 setores da PUC-SP
5 mil exemplares

Financiado pelos Centros Acadêmicos, Apropec, Afapuc e Geosamba
<http://jornaldocongresso.6te.net>



História

Salas lotadas evidenciam precarização

O curso de História começou a sofrer um grande ataque a partir de 2006, com a implementação da nova grade curricular. A História era composta por cinco anos, sendo o último bacharelado ou licenciatura escolhido pelo aluno. O curso passou para quatro anos, visando a rápida produção de profissionais na área. Os estudantes de Ciências Sociais organizaram um debate na última quinta-feira, para debater o problema da licenciatura que atinge a todos. Retiraram principalmente matérias de pesquisa, importantíssimas e muito elogiadas no curso da PUC. Disciplinas que antes segui-

am uma ordem cronológica, hoje estão encavaladas para caberem nos quatro anos do curso.

Estudantes que estavam no 4º ano quando a reforma curricular foi aprovada, faziam aulas de manhã e noite para se formarem naquele ano. Se repetissem em alguma matéria, provavelmente ela não existiria mais com a grade nova.

Gabriela Guerreiro, estudante do 3º ano de História, exemplifica outros problemas da reforma: "a cada semestre a grade é remodelada de uma forma improvisada, impossibilitando qualquer planejamento a longo prazo, tanto dos professores quanto

dos alunos. Não existe uma programação fechada, a mudança das grades ainda é muito nebulosa, você descobre as suas matérias em cima da hora". Esse rearranjo faz com que professores sejam requisitados em disciplinas que não são de sua especialidade.

Unificação de turmas

Um problema muito sério é a junção das salas de aula. A idéia da unificação de duas salas surgiu em 2007, para economizar espaço e tempo. Os estudantes inadimplentes são completamente ignorados na conta-

gem de alunos por sala. "A minha sala, por exemplo, tinha em torno de 40 alunos, sendo que mais ou menos metade estava com a matrícula em dia. Na conta da Reitoria, havia aproximadamente 20 alunos na classe. Assim, as salas que foram unificadas ficaram superlotadas. Temos problemas de falta de carteira e espaço físico como a inviabilização de trabalhos e seminários pelo fato de ter muito aluno na classe" afirma Gabriela. A qualidade de ensino é muito prejudicada com a priorização de formação de alunos em menos tempo e com a maximização dos contratos dos professores.

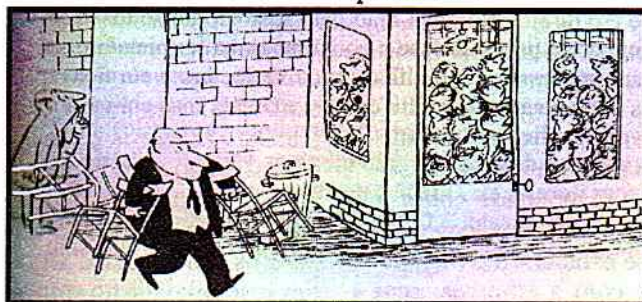
EU APOIO O CONGRESSO GERAL

Estou muito animado em relação ao Congresso. Depois de tantos anos em que se debate a situação e crise da universidade, desde que eu fui aluno aqui em 1983 se fala nisso. O Congresso é o único jeito de atualizar todas essas idéias que estão navegando aqui na comunidade puquiãna sobre o futuro da universidade, e transformá-las em ações. É uma forma muito interessante de fugir do burocratismo e da abstração. Vi candidatos que pareciam ensaiando uma espécie de debate para prefeito de São Paulo, aqui é outra coisa. Nós estamos numa universidade, a universidade é outra dimensão, outro imaginário. Dentro desse âmbito as coisas se resolvem de maneira criativa, chamando todos os setores da PUC, não para uma formalidade institucional, mas

para uma grande "ágora", um espaço aberto de discussão. Esse Congresso tem tudo para ser o evento mais importante dos últimos anos da PUC, pois ele pode inverter as pautas da universidade, de baixo para cima. No debate todo mundo fala em diálogo e ouvir a comunidade, mas os candidatos se deslocam para os departamentos, ganham a eleição e ficam encastelados.

Ainda que o Congresso venha num momento de crise, pouca participação ou interesse é justamente o momento para repolitizar a PUC. Qual é o desenho político que PUC deseja para o futuro?

Silvio Mieli,
professor de jornalismo
desde 1995



Mais professores aderem ao Congresso

Docentes do curso de Serviço Social se reuniram na semana passada para discutirem, entre outros assuntos, as perspectivas e a realização do Congresso dos três setores. A articulação dos segmentos que compõe a universidade, num momento delicado de eleição de reitor e de grande crise financeira, estrutural e acadêmica se viu importante e necessária. A adesão dos professores à realização do

Congresso geral foi grande.

Em reunião, número significativo do corpo docente do Centro de Educação também confirmou sua presença no Congresso.

Os professores da COMFIL (Faculdade de Comunicação e Filosofia) marcaram para o dia 21 de outubro, uma reunião para a discussão de idéias e atualização dos andamentos do Congresso, 12h30, na sala dos professores.

Mercantilização castiga funcionários



SOB O TAPETE terceirizações são exemplo de como a busca por lucro financia a exploração

Baixos salários, assédio moral, instabilidade no trabalho, cargas horárias extenuantes, corte de direitos trabalhistas e proibição de se organizar para lutar por suas demandas. Esses são sintomas da precarização do trabalho, hoje fortalecidos com a terceirização de serviços.

Na PUC-SP, o processo de terceirização de setores vêm se aprofundando. Com a demissão de 30% do quadro de funcionários da universidade, a gestão Maura Vêras ampliou a terceirização em alguns setores, como a segurança, central de cópias e a limpeza. Além disso, houve um aumento das micro-empresas, como as lanchonetes da universidade.

Sem vínculo empregatício direto, esses trabalhadores são forçados a um regime de trabalho imposto pelas suas empresas. Ou seja, a universidade cobra a prestação de serviços conforme estabelecido no contrato com a empresa, sem preocupação nenhuma com quem são os contratados e as condições a que são submetidos.

Para a universidade, portanto, interessa mais a empresa que prestar o serviço por um preço menor. Para a

empresa, também é indiferente as condições, desde que os funcionários cumpram a função. Já os funcionários, como não tem uma relação direta com a universidade (tomador), não são regulamentados pelo acordo interno, diferente dos outros funcionários.

A terceirização por meio de cooperativas é temerária, pois a fraude é praticamente certa, visto que haverá intermediação de mão-de-obra sem que a cooperativa esteja enquadrada na Lei 6.019/74, que admite essa intermediação apenas por meio das empresas de trabalho temporário.

A legislação que rege o trabalho dos terceirizados ainda deixa uma brecha para que as empresas contratantes utilizem os funcionários em outras funções diferentes das que foram contratadas (serviços de apoio e acessórios) e ainda permite uma freqüente substituição da mão-de-obra, o que para os funcionários significa instabilidade no emprego, podem ser demitidos a qualquer momento.

No começo de setembro, 214 funcionários da Paulista (empresa prestadora de serviços de limpeza) e mais 8 funcionários da Lidma (empresa de carregamento) fo-

ram demitidos da universidade, pois a PUC conseguiu uma empresa que prestasse esses serviços por um preço menor. Poucos viram a 6ª feira de paralisação desses funcionários, ou perceberam eles indo embora, pois a PUC imediatamente substituiu esses trabalhadores. A nova empresa terceirizada chama-se Higilimp, e seus funcionários também serão trocados assim que uma corporação mais barata surgir, formando assim, um ciclo sem fim de exploração e opressão aos trabalhadores.

É possível perceber como é raro o diálogo ou o vínculo dos funcionários com a comunidade ou seu local de trabalho, se isso ocorre, eles sofrem represálias de seus supervisores. Além disso, os próprios funcionários terceirizados relatam que ocorre uma vigilância sobre o cumprimento do seu trabalho através das câmeras espalhadas pelo campus. Acontece então, um abuso moral por parte da "autoridade" do empregador com seu empregado.

Desmobilização forçada

O processo de terceirização não é visto com o mero objetivo de corte de gastos, mas também como algo que impossibilita a organização desses funcionários em sindicatos ou qualquer mobilização política para lutar por suas reivindicações e direitos. Essas organizações foram forçadas a assumir uma ação cada vez mais defensiva, regredindo

em sua já limitada ação no sistema em que vivemos, do mercado e da produtividade. Quanto mais avança o processo de precarização do trabalho, mais as associações de funcionários tem que se ater a lutar para manter o elementar e defensivo direito da classe trabalhadora, sem o qual sua sobrevivência está ameaçada: o direito ao trabalho, ao emprego. Diante da complicada situação, o intelectual Ricardo Antunes, questiona em um de seus artigos sobre a luta da classe trabalhadora: "Como é possível, hoje, articular valores inspirados num projeto que olha para uma sociedade para além do capital, mas que tem que dar respostas imediatas para a barbárie que assola o cotidiano do ser que vive do trabalho?"

Perspectivas

Um dos principais eixos do Congresso dos 3 setores será a precarização e terceirização do trabalho, questão fundamental hoje em dia, a qual faz-se necessário o posicionamento frente às condições de trabalho dos funcionários. Esse quadro seria menos grave na PUC com a contratação dos terceirizados, tendo os mesmos direitos e salários dos efetivos.

É necessário travar uma luta política para que todos os funcionários da PUC, incluindo os terceirizados, possam ter seus pontos liberados nos dias do Congresso, sem perda de salários ou qualquer outra penalidade.

AGENDA

13/10, 18h, na Apropuc (Rua Bartira, 407)

- Reunião de construção do Congresso

14/10, 18h, Museu da Cultura

- Plenária dos 3 setores sobre as eleições

16/10, 19h, na Prainha

- Geosamba "Na cadência do Congresso"